

ADOLESCÊNCIA HETERONORMATIVA MASCULINA: ENTRE A CONSTRUÇÃO “OBRIGATÓRIA” E DESCONSTRUÇÃO NECESSÁRIA

*HETERONORMATIVE MALE ADOLESCENCE: BETWEEN
“MANDATORY” CONSTRUCTION AND NECESSARY
DECONSTRUCTION*

*ADOLESCENCIA HETERONORMATIVA MASCULINA: ENTRE
LA CONSTRUCCIÓN “OBLIGATORIA” Y DESCONSTRUCCIÓN
NECESARIA*

Welson Barbosa Santos¹
Nilson Fernandes Dinis²

Resumo: Como parte de uma pesquisa que investiga a produção da adolescência masculina frente à heteronormatividade, nosso pressuposto é de que a inadequação a modelos rígidos de gênero e sexualidade tem servido como motivo de situações de rechaço social, discriminação e tentativas de suicídio entre adolescentes. Inscritas por meio de experiências culturais, as masculinidades e sexualidades têm sido construídas pelo discurso e através de relações sociais em espaços como a escola e a internet. Assim, para metodologicamente articular as duas esferas, foram convidados a participar desta pesquisa 200 estudantes, meninos de 14 a 16 anos de duas instituições de ensino, localizadas no Município de Uberaba - Minas Gerais. Em um segundo momento, com critérios pré-estabelecidos, foram escolhidos 17 sujeitos para que, por intermédio do uso de rede social virtual, possibilitasse observar seus discursos. O objetivo foi de usar esses discursos como base empírica para o trabalho. Nossa busca foi por entender os componentes e os processos sociais de constituição das identidades desses sujeitos e compreender as interdependências entre as categorias. Ainda, a proposta é de contribuir na construção de conhecimentos que estão voltados a discutir como são determinadas, vivenciadas e repassadas as masculinidades entre adolescentes.

Palavras chave: heteronormatividade, masculinidade, sexualidade e adolescência.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Mestre em educação pela Universidade Federal de Uberlândia. ndinis@ufscar.br

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2001), pós-doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e pós-doutor em Educação pela York University-Canadá (2010). É professor associado da Universidade Federal de São Carlos. Email: wwsantosw@yahoo.com.br;

Abstract: As part of a research that investigates the production of male adolescence towards heteronormativity, our assumption is that the inadequacy of the subjects to strict models of gender and sexuality has been the cause of social rejection, discrimination and suicide attempts among teenagers. Registered through cultural experiences, masculinities and sexualities have been constructed by the discourse and through social relationships in spaces like school and internet. Thus, as a methodological purpose to articulate the two spheres, 200 male students, aged from 14 to 16 years, of two schools located in the city of Uberaba - Minas Gerais, were invited to participate in the study. In another moment, through the use of pre-established criteria, 17 subjects were chosen and, through the use of virtual social network, it was possible to observe their speeches. The goal was to use these speeches as an empirical basis for this work. Our quest was to understand the components and processes of social constitution of identities of these subjects and understand the interdependencies between the categories. Still, the proposal is to contribute to the construction of knowledge which enables to discuss how masculinities are determined, experienced and conveyed to teenagers.

Keywords: heteronormativity, masculinity, sexuality and adolescence

Resumen: Como parte de una investigación que investiga la producción de la adolescencia masculina frente a la heteronormatividad, nuestro presupuesto es de que la inadecuación a modelos rígidos de género y sexualidad tiene usado como motivo de situaciones de rechazo social, discriminación y tentativas de suicidio entre adolescentes. Inscritas por medio de experiencias culturales, las masculinidades y sexualidades tienen sido construidas por el discurso y a través de relaciones sociales en espacios como la escuela y la internet. Así, para metodológicamente articular las dos esferas, fueron invitados a participar de esta investigación 200 estudiantes, niños de 14 a 16 años de dos instituciones de enseñanza, localizadas en el Municipio de Uberaba – Minas Gerais. En un segundo momento, con criterios preestablecidos, fueron escogidos 17 sujetos para que, por intermedio del uso de red social virtual, posibilítase observar sus discursos. El objetivo fue de usar esos discursos con base empírica para el trabajo. Nuestra búsqueda fue por entender los componentes y los procesos sociales de constitución de las identidades de esos sujetos y comprender las interdependencias entre las categorías. Aún, la propuesta es de contribuir en la construcción de conocimientos que están vueltos a discutir como son determinadas, vivenciadas y repasadas las masculinidades entre adolescentes.

Palabras-clave: heteronormatividad, masculinidad, sexualidad y adolescencia.

Introdução

Partimos do pressuposto de que historicamente o adolecer tem sido marcado por afirmativas que tomam o período como “objeto natural” e pelo hábito de usá-lo como ponto de partida para uma ideia extemporânea.

Dessa forma, a fase tem sido datada, localizada e demarcada. Há também o fortalecimento do discurso de que se trata de fase “natural”, envolta por complexidades e marcada por enfrentamentos. Diferente disso, entendemos que a adolescência³ é uma construção histórica, pois envolve questões de gênero e sexualidade, ocorrendo por meio de diversos rituais e da cultura de um povo.

Assim, reconhecendo que a adolescência é temática relativamente bem discutida no nosso tempo e o fato do sujeito masculino estar no centro dessa investigação, restringiremos nossa abordagem às questões que envolvem especificamente esse sujeito. Nesse sentido, os sujeitos tornam-se homens por meio dos projetos de gênero masculino com os quais se envolvem e pelo pertencimento a determinados grupos, nos quais há regras e maneiras complexas para se construir e se fazerem pertencer ao modelo de masculinidade hegemônica existente. Então, acreditamos que é através dos discursos que ocorre a sedimentação do saber capaz de fixar os corpos dos sujeitos na identidade masculina e para o entendimento e discussão dessa questão são necessários conhecimentos sobre a heteronormatividade, gênero e sexualidade.

O termo heteronormatividade foi criado por Michael Warner em 1991, deriva-se do grego hetero, “diferente”, e norma, “esquadro” e possui raízes nos princípios de Gayle Rubin (1975) de “sistema sexo/gênero”, discutido no artigo “O tráfico de mulheres”. Ainda, a heteronormatividade justifica-se nas instituições que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e relacionamentos heterossexuais como fundamentais e “naturais” dentro da sociedade. O termo tem sido usado também na exploração e crítica às normas tradicionais de sexo, identidade de gênero, papel social de gênero e sexualidade, e das implicações sociais destas instituições. Ele é descritivo de um sistema dicotômico de categorização que vincula diretamente comportamento social e autoidentidade com a genitália do sujeito. Isto significa que existem conceitos estritamente definidos de virilidade e feminilidade e de comportamento esperado tanto de mulheres quanto de homens.

Scott (1995) afirma que, enquanto discurso, gênero refere-se a uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, mas que, devido à prolifera-

³ Enquanto fase, a adolescência é qualitativamente diferente da infância e da idade adulta, a palavra vem do latim *ad* (para) somada ao sufixo *olescere* (crescer), resultando em “crescer para”. A definição melhor seria “crescer para a maturidade”. O termo originou-se na antiguidade, mas a base sociopolítica da diferenciação surgiu com as transformações das estruturas sociais ocorrida em fins do século XIX. Nesse período tais questões permitiram a retirada desses sujeitos do mercado de trabalho para frequentarem as instituições educacionais. Assim, baseada na ideia de adolescência como fase de formação para o trabalho, foi proposto os termos “adolescência encurtada” e “adolescência estendida”. Elas descrevem as diferentes oportunidades de formação e educação disponível às pessoas que entram no mercado de trabalho mais cedo ou mais tarde, sendo isso proporcional a situação cultural e financeira da família.

ração dos estudos sobre sexo e sexualidade, o termo tornou-se uma palavra particularmente útil por oferecer meios de diferenciar práticas de papéis sexuais atribuídos aos sujeitos. Weeks fortalece esse conceito afirmando que:

O gênero (a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher) e a sexualidade, (a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais) tornaram-se duas coisas inexplicavelmente vinculadas. O resultado disso é que o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece algumas vezes, a suprema transgressão. (WEEKS, 1986, p. 45)

Então, referenciado em Connell (1995), acreditamos que as masculinidades são configurações práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero, repercutem nas experiências, físicas, pessoais e culturais do sujeito e são exercidas em práticas diárias nas quais eles são engajados. Ainda, segundo o autor, as masculinidades vêm sendo construídas e reconstruídas pela história e pela cultura, sujeitadas às relações de poder e, por isso, não devem ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas.

Nesse sentido, apoiados no pensar de Badinter (1999) e Connell (1995), afirmamos que para ser homem é preciso tornar-se homem, sendo processo a ser construído e conquistado ao longo da vida. Ainda, o desviar desse caminho tem sido visto como uma ameaça constante à virilidade do sujeito, independente do momento, idade ou fase vivida por ele. Acreditamos que tais afirmativas são importantes para esse trabalho por justificar a necessidade de desconstrução dos discursos historicamente estabelecidos de que a “adolescência masculina é sinônima de problema”, de desequilíbrio ou desajuste, associada à fase conturbada e de fragilidades. Pelas afirmativas, trata-se de enfrentamentos presentes durante a construção do homem como sujeito.

Assim como ocorre em toda a vida, os valores de masculinidade adolescente são edificados pelo discurso e, nesse sentido, é importante perceber como são organizados nesse campo, que efeito têm sobre o sujeito menino e como é possível perceber a forma em que os conceitos atribuídos a eles saem do campo do discurso e assumem a condição de “verdade” natural. Referenciado em Foucault (2007), afirmamos que no nosso tempo o discurso divulgado, defendido e aplicado no campo da adolescência masculina está ligado à biopolítica, em que mecanismos normalizadores e regulatórios implicam em um jogo de saber-poder referente ao controle sobre a vida através das práticas sexuais. Nesse sentido, não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem de saber que não suponha e não constitua relações de poder e que, como conceito, possibilita o entendimento do que chamamos de perspectiva “construcionista” sobre gênero e sexualidade surgida nas ciências humanas na década de 1970.

A percepção “construcionista” nos permite afirmar que a sexualidade e o gênero de meninos adolescentes são construções históricas por meio do discurso e não podem ser reconhecidas como questões naturais. Assim, Foucault (1999) adverte que é preciso olhar o discurso arqueologicamente devido à possibilidade do aceitar da verdade como uma conformação histórica. Para o autor, isso se dá a partir das normas internas dos saberes de certo contexto e, através da análise do mesmo, em suas contradições, pois:

O discurso é o caminho de uma contradição à outra (...) fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência. (FOUCAULT, 1987, p. 173 e 174)

Pelo percebido, o discurso é construído com seus procedimentos internos e externos e contribui na inclusão, exclusão, interdição e ritualização da palavra. É dessa forma que poderemos melhor entender os processos de exclusão entre adolescentes meninos, pois são operados pelo discurso, em que só aparecem verdades insidiosamente universais e, por isso, as ignoramos. Como afirma o autor, o que existe é a vontade de verdade como o grandioso maquinário destinado a excluir. Em suma:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2011, p. 49)

As afirmativas referentes ao discurso possibilitam o entendimento sobre os contextos de vida dos sujeitos adolescentes meninos, enquanto sociedade. Nesta, os discursos sobre sexualidade e gênero estão sustentados sobre referenciais da medicina higienista e da eugenia com objetivo disciplinador, corretivo e normalizador. No entanto, embora reconheçamos a importância desse discurso, a conceituação e interpretação não atingem plenamente o desafio cabível a questão. Assim, um dos desafios a ser enfrentado nessa discussão, respaldado em Louro (1997, 1999, 2003, 2004, 2008, 2009), Miscolci (2006, 2007, 2009, e 2011) e Dinis (2007, 2008 e 2011), é de contribuir no desenvolvimento de caminhos que consigam preencher as lacunas deixadas nesse campo. Nesse sentido, percebemos que, presente na sociedade e enfaticamente difundido pelas mídias, os discursos da medicina higienista sobre adolescência sustentam-se em princípios fisiológicos e preventivos, a concebe como período de riscos a doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, sífilis, hepatite, herpes, vulnerabilidade a gravidez e uso de drogas

e está presente na escola desde o século XIX. Ajustada aos interesses de cada época, no nosso tempo esse discurso fortalece o conceito de adolescência como sinônimo de vulnerabilidade.

Sobre a eugenia, o termo foi usado por Francis Galton e refere-se ao “bem nascido”, aos estudos dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, quer seja física ou mental. Segundo Foucault (2007), a eugenia surgiu no século XIX, considerada, pois, como período marcado pelo desenvolvimento de tecnologias do sexo e ordenada em torno dos saberes médicos. O autor afirma que, como desdobramento disso, houve uma associação entre perversões e hereditariedade, desencadeando o surgimento de um projeto estatal e médico com a finalidade de gerir e controlar a sexualidade da população. Presente no Brasil desde a década de 1910, a eugenia tem associação direta com o estado de saúde, saneamento, higiene e situação racial da população, agregando ainda a perversão, a hereditariedade e a degenerescência⁴.

O percebido é que a eugenia, existente nos discursos, fortalece conceitos médico-higienistas de adolescência masculina como fase de riscos e de vulnerabilidade e contribuiu para que a sexualidade e o gênero desses sujeitos fossem alvos de análise, de observação e de controle, exigindo compromisso disciplinador e corretivo. Com isso, o sexo desses sujeitos tornou-se objeto de conhecimento, viabilizando análises minuciosas e exaustivas feitas pela medicina, implicando na persistência dessa temática na escola. Dessa forma, ela foi motivada, pela possibilidade de alcance dos objetivos médicos referente ao controle das questões sexuais na adolescência dos meninos.

Foucault (1982) afirma que a intenção foi de controlar os corpos por meio dos mecanismos de adestramento, disciplina, docilização, maior utilidade possível e controle do mesmo como espécie. O sentido era de organizar sua função biológica e questões populacionais referentes à natalidade, à mortalidade e à longevidade. A medicina-higienista, ao reforçar a necessidade de controle, concebe a adolescência somente como fase de desejos e libido sexual aflorado, reforça a aptidão à vida sexual e à procriação, considerando-a como fase de ação hormonal intensificada. Inclusive, esses conceitos fortalecem os discursos de adolescência como “verdade” natural, reforçando tratar-se de “fase de desequilíbrio” e “ajuste”.

⁴ Degenerescência do francês *dégénérescence* e latim *degeneration*, significa perder qualidades próprias ou ancestrais. Acredita-se que, como princípio fortemente impregnado de perspectivas religiosas, o homem teria sido criado, perfeito por Deus e a degeneração seria a consequência do pecado original e consistiria na transmissão à descendência das taras, vícios e traços mórbidos adquiridos pelos antecessores. À medida que fossem transmitidos através das gerações, seus efeitos tenderiam a se acentuar, levando à completa desnaturação da linhagem e chegando a extinção pela esterilidade. Na história a degenerescência constitui uma demonstração concreta de que as relações entre a hereditariedade biológica e a moral são muito mais intrincadas do que se admite.

Pelo observado, o discurso de que a adolescência é “fase de crise” ou eles “estão em crise” existe desde o início do século XX, sendo descrito já nas primeiras investigações científicas da área. Ainda, o conceito de adolescência como “fase de ajustes” necessários tem como parâmetro os padrões estabelecidos de maturidade. Assim, pensa-se na adolescência como período de difíceis e inevitáveis acomodações e de “tempestades” e “tormentas”. Estas são conceituações que foram repetidas e reforçadas incansavelmente por especialistas no decorrer de mais de um século, fortaleceu conceitos e os legitimou através do discurso naturalizador.

A sexualidade e o gênero de meninos como “invenções naturalizadas”.

Pensar na adolescência masculina como não natural e sim como produto humano, encontra respaldo em Foucault (1979), ao afirmar serem os discursos de naturalização dispositivos que tratam da história que não está centrada em um sujeito histórico, mas em práticas institucionais e políticas constituidoras dos sujeitos. Sobre “dispositivo”, ele explica que:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (...) Em suma, entre elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. (...) O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, p. 244, 1979)

Referenciados no autor, percebemos a necessidade de observar atentamente o momento em que os conjuntos de práticas e discursos históricos transformam-se em “objetos naturais” e passam a orientar e conceituar a adolescência masculina. Os erros dessa forma de discurso estão no definir das transformações e adequações vividas na adolescência masculina como um caminho natural, comum a todo o ser humano e reforçando a existência da figura “adolescente”, como se tratando do mesmo ‘objeto’ na Grécia, Roma antiga, idade média cristã e séculos XIX, XX e XXI.

Ao se questionar o tipo de interpretação dada na atualidade ao conceito de adolescência masculina não se trata de relativizar as diversas formas históricas de abordagem e discussão desses sujeitos, mas de analisar e questionar o conjunto de práticas e os discursos que instituem a figura da “adolescência masculina” reconhecendo-a como “natural”, com os significados dados e como algo que sempre existiu. Afirmamos isso porque a adoles-

cência masculina surgiu dentro de um contexto teórico, em época histórica específica e resultado tardio da consolidação da biologia e da medicina como saber verdadeiro.

Dessa forma, é possível afirmar que a problematização da “adolescência masculina” surgiu a partir da necessidade de um contínuo e cuidadoso investimento físico, pedagógico e moral e que visava à produção de um adulto “ideal”. Tratava-se de um contexto em que se acreditava que os filhos da classe média emergente da Europa industrial dependiam da família e da escola para poderem desfrutar de posições sociais confortáveis. Assim, as duas instituições, auxiliadas pela medicina higienista e as práticas da ‘ortopedia educacional’, delinearão o modelo do ‘adulto ideal’ cujos critérios seriam: ser caucasiano, do sexo masculino, heterossexual, reprodutivo, livre de doenças e anomalias e proprietário. Pelo percebido, o objetivo era colocar a sexualidade e o gênero de adolescentes meninos sobre uma padronização e controle.

Historicamente, Foucault (2007) afirma que foi nesse contexto, entre o fim do século XIX e início do século XX, que surgiu a chamada medicina das perversões. Sustentada em princípios que definiram a palavra degenerescência como hereditariedade carregada de doenças, o período foi marcado pelo estabelecimento do controle judiciário e médico das perversões em nome de uma proteção geral da sociedade e da raça. Essas questões são relevantes nessa discussão por tratar-se de movimentos que contribuíram na consolidação do discurso da psicologia da adolescência, inclusive, já bem estruturados no início do século XX. Sobre a medicina ou especificamente o saber médico-psiquiátrico, para o autor, foi ainda no século XIX que a confissão abandonou seu estilo religioso e passou a ocupar, como espaço central, o campo da psiquiatria, iniciando assim, a construção progressiva e cuidadosa de um grande arquivo dos prazeres e do despropósito sexual, em que a sexualidade passou a ser registrada, descrita e classificada.

Assim, enfatizaremos duas contribuições fundamentais do pensamento de Foucault (2007) para a produção da sociologia da sexualidade: primeiro o rompimento com a visão naturalizada de sexualidade, até então enfatizada nos estudos sociológicos. O segundo é decorrente do primeiro, refere-se ao fato de a sexualidade ser considerada como um dispositivo histórico e social. Os estudos do autor são importantes ainda por identificar uma “verdade sobre o sexo” e reforçar o fato de a *scientia sexualis*⁵ ser tida atualmente como uma grande referência para estudos que

⁵ Surgida no fim do século XVIII, a *scientia sexualis* desenvolveu-se durante os séculos XIX e XX, sendo entendida como conjunto variado de disciplinas científicas e de técnicas relativas ao comportamento sexual. Enquanto ciência, envolve a pedagogia, a medicina, o direito, a economia e a psicanálise. Foucault (2007) afirma que ela está comprometida com a relação poder-prazer. Prazer em se ter poder sobre o sexo; prazer de vigiar, espiar, revelar, fiscalizar, regular e punir. O autor afirma que há também poder em ter prazer de escapar da fiscaliza-

envolvem sexualidades. O percebido é que, enquanto processo de construção, inicialmente o sexo foi interdito e regulamentado pela moral religiosa e, aos poucos, tornou-se domínio da ciência. Percebemos que foi um transitar entre a moral e a ciência, tendo como instrumento a confissão, a qual, inclusive, permaneceu como matriz geral que rege a produção do discurso “verdadeiro” sobre o sexo e, embora transformada, continuou presa à prática da penitência. Entretanto, perdendo, a partir do protestantismo, da pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, perdeu sua situação ritual e exclusiva.

Tendo Foucault (2007, 2010) como referência, afirmamos que os discursos sobre sexualidade foram construídos entre os séculos XVIII e XIX, embora o “uso dos prazeres” tenha sido problematizado pelos gregos como um campo moral particular no qual estavam implicadas as “técnicas de si”. No entanto, nessa civilização, o objetivo era de buscar uma “estética da existência” e forma ideal de autocondução no mundo. Essas questões para os gregos eram como regras de temperança que deveriam ser seguidas e praticadas, uma vez que se referiam às exigências de austeridade medida segundo certos critérios de estilo em uma arte da existência de governar a si e aos outros no exercício de seu poder e na prática da liberdade. No nosso tempo, percebemos que a teorização sobre sexualidade é uma criação da cultura ocidental; embora isto não signifique que outras culturas não tenham sido igualmente interpeladas pelo enigma do sexual e tenham criado dispositivos para lidar com as reivindicações pulsionais.

Outra questão relevante para o nosso estudo, ligada à sexualidade e ocorrida no fim do século XIX e início do século XX, refere-se ao conceito de delinquência juvenil. É importante salientar que, no momento em que esse conceito foi construído, o controle da masturbação e os comportamentos e práticas homossexuais foram classificados como vícios próprios da delinquência juvenil masculina. Assim, novamente nos chama a atenção o posicionamento que tinha como objetivo ligar a delinquência à adolescência, um movimento que possibilitou uma interpretação não apenas pelo ponto de vista das teorias sociais e morais, mas também, cada vez mais, uma perspectiva naturalizante da psicologia do desenvolvimento, que, enquanto ciência, colocava o comportamento transgressor da adolescência no âmbito da natureza.

Então, continuar a realizar pesquisas sobre a adolescência masculina, pressupondo-a como etapa da vida marcada por ‘crises’, significa persistir e desconsiderar o caráter histórico desta concepção e insistir na naturalização da mesma. O ocorrido é que se tratam de questões apontadas desde o início do século XX, de forma que ganharam vida própria e adequando-se aos discursos de médicos, psicólogos, pedagogos, juízes e assistentes sociais,

ção, da regulação, da punição, de transgredir e escandalizar.

crystalizaram-se em diversas instituições como as escolares, correcionais, da saúde física e mental e da família.

Nossa proposta de desconstrução das questões discutidas até aqui é respaldada no pensar de Foucault (2007), que mostra que não existem regimes de “verdades” discursivas, pois são produzidas pelo discurso e modificam-se a partir do momento em que as regras sofrem mudanças. O autor define esse balizamento da descrição dos tipos de discurso, de arqueologia do saber e afirma que eles produzem “efeitos de verdade” por estar permeados pelas consequências do poder que o percorrem. Nesse sentido, a chamada genealogia do poder não se refere a estudos estanques, mas sim, de instâncias que se entremeiam entre si e trazem como resultado o poder-saber. Poder produtor de individualidades, de mais poder, de segregação, mas também de junção, que não vem de cima para baixo, mas que se espalha, configurando-se em um micropoder eficiente e reconhecidamente autoritário. Sendo assim, não podemos assumir como “verdades” os discursos a respeito da adolescência masculina e não é nossa proposta colocar a heteronormatividade como equivalente à defesa de sujeitos não heterossexuais. Contudo, a partir dos saberes sobre o tema, buscamos reforçar a existência de diversidade de estéticas masculinas.

Ainda, buscando nos discursos o delineamento da adolescência masculina, embora seja comum identificar e determinar a fase usando-se os referenciais biológicos, Butler (2003) afirma que tais questões não têm o poder de definição em relação ao gênero. Para a autora, são nossas relações inter e intrapessoais desenvolvidas em uma determinada época histórica e em uma dada cultura que nos determinam. Reforça também que os gêneros não são verdadeiros ou falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. Sobre as masculinidades, percebe-se que outros arranjos sociais surgem em detrimento das próprias necessidades de cada sujeito e que nem sempre correspondem ao discurso hegemônico. São rotas de fuga construídas como consequência dos difíceis ajustes, demonstrados nos estudos de Badinter (1993), Connell (1995) e Miskolci (2007), tanto referente à sua criação histórica quanto à sua dinâmica nas relações sociais do presente. Por isso, em relação a estes difíceis ajustes, os estudos da sexualidade e de gênero do menino adolescente implicam em explorar os meandros da heteronormatividade. Assim referenciado, fica percebido que ao discutir sexualidade não podemos desassociá-la das questões do gênero, pois as práticas sexuais estão inscritas nele e revelam símbolos que socialmente conferem forma às diferenças que ilustram o feminino e o masculino em diferentes culturas. Então, embora gênero não seja sinônimo de sexualidade, uma discussão completa a outra.

A escola, as tecnologias de comunicação e o discurso.

As masculinidades e sexualidades são inscritas por meio de experiências culturais, construídas em relações sociais pelo discurso e, espaços como escola e tecnologias de comunicação como a internet, possibilitam a observação dos discursos em torno desses temas e também seus meios de construção e disseminação. Assim, metodologicamente buscou-se a articulação dessas esferas como caminho para esse trabalho.

Na atualidade, as mídias têm sido percebidas como ferramentas de pesquisas qualitativa e quantitativa de valor considerado, devido tratarem-se de espaços de socialização, criação e fortalecimento de identidades culturais em que os discursos são construídos, repassados, expressados e revelados. Então, devido ao fato dos adolescentes estarem parte significativa do tempo disponível “conectados” à rede de internet, em espaços virtuais de convivência social como Facebook, afirmamos que, somado à escola, estes meios tornaram-se potenciais veículos na produção e propagação de processos de subjetivação dos sujeitos. Assim, usando desse recurso, buscamos acessar dinâmicas envolvendo questões de sexualidades e gêneros de meninos.

Definido o local onde buscaríamos os discursos de meninos adolescentes, nos voltamos à delimitação da idade, quantos e quais ambientes escolares seriam adotados, e nestes, o número de sujeitos que convidaríamos a participar do trabalho. Nesse sentido, restringindo o grupo às faixas etárias de 14 a 16 anos, adotando duas instituições de Ensino Médio, uma pública e outra particular, localizadas no município de Uberaba-MG e convidamos um grupo de 100 sujeitos em cada escola escolhida para participar do trabalho. Em março de 2012, em dia pré-estabelecido, os dois grupos foram reunidos individualmente em espaço adequado nas escolas.

No encontro inicialmente foram justificados os objetivos do trabalho e em seguida, como “recurso provocativo”, apresentamos em data show pequenos recortes do filme *Troia*⁶ com duração de 5 minutos. O recorte refere-se aos trechos das lutas entre as duplas Menelaus e Paris e Aquiles e Hector. A luta de Menelaus com Paris foi decorrente de o príncipe ter levado a mulher de Menelaus para Troia e Hector, para não presenciar a morte de seu irmão ao perder o duelo, opta por matar Menelaus. Somamos a esse primeiro recorte também a cena em que o herói da Grécia Aquiles mata Hector diante da realeza de Troia, de seu exército e também de todos os soldados gregos.

⁶ Troia é uma produção cinematográfica do Estúdio Warner Bros, dirigido por Wolfgang Petersen e com duração de 162 minutos. O filme Lançado em 2004, conta que em 1193 a.C., Paris como príncipe provoca uma guerra da Messênia contra Troia, ao afastar Helena de seu marido, Menelaus. Assim, tem início uma sangrenta batalha que dura mais de uma década. A esperança do Priam, rei de Troia, em vencer a guerra está nas mãos de Aquiles, o maior herói da Grécia, e seu filho Hector. O filme ainda retrata a particular relação afetiva entre Aquiles e seu amigo Pátroclo.

O uso do recurso cinematográfico teve como objetivo provocar uma discussão e reflexão sobre o papel do masculino e a forma como ele é representado e “alegorificado” na sociedade. Ainda, a busca foi por desencadear uma crítica sobre os discursos referentes a essa questão e apresentados em mídias como o cinema, bem como mostrar a ação violenta retratada no filme em defesa de uma suposta “honra” masculina.

Na sequência propusemos uma discussão sobre masculinidades, sexualidades e conflitos comuns na adolescência masculina, com duração aproximada de 90 minutos. Ao final, os dois grupos foram convidados a responder, caso tivessem interesse, a um questionário presente no site de relacionamento social “Facebook”, no qual todos precisariam tornar-se membros de um mesmo grupo para assim poder acessar as perguntas. Foi explicado, ainda, que as perguntas estariam na sessão grupos, intitulada “adolescência, rir ou chorar”.

O adotar do espaço virtual como local de pesquisa está apoiado em Marcuschi (2004), tido como adequado recurso de uso prático pluralista, por possuir considerado potencial a ser explorado. Assim como Freitas et al. (2004), acreditamos que o espaço oferece vantagens sobre outras alternativas de pesquisas qualitativas, por permitir acessar base de dados num servidor remoto, análises na própria página de relacionamentos, além de disponibilizar tabelas, gráficos e porcentagens preestabelecidas. Então, usando dessa ferramenta, 135 sujeitos aceitaram o convite, acessaram a página, tornaram-se membros do grupo e responderam às perguntas disponibilizadas.

Nesse sentido, Mann e Stewart (2000) apontam quatro métodos possíveis de pesquisas on line: entrevistas estruturadas, entrevistas não padronizadas, técnicas de observação e coleta de dados pessoais. Optamos por adotar as entrevistas estruturadas com respostas objetivas e padronizadas. A modalidade nos permitiu acessar um conjunto limitado de categorias de respostas e utilizamos para isso dois códigos preestabelecidos de alternativas - “sim” e “não”. As perguntas disponibilizadas aos 135 sujeitos na página virtual versavam sobre: sentir-se mais ou menos masculino; serem ou não taxados de homossexuais por observações e conclusões aparentes; auto avaliarem como tristes ou deprimidos em situações decorrente de julgamentos e cobranças sobre ter ou não posturas mais masculina; sentirem-se excluídos ou incluídos em grupos de convivência na escola e pressuporem que isso é decorrente de pré-julgamentos sobre gênero e sexualidade, e se haviam pensado ou não sobre suicídio em algum momento, durante a adolescência, decorrente de cobranças ligadas às questões citadas.

As entrevistas estruturadas adotadas nos possibilitaram identificar 17 sujeitos adequados aos nossos objetivos de pesquisa. Para se chegar ao número de sujeitos citados, o critério adotado foi verificar, dentre todos, os que haviam respondido o maior número de resposta positivas - “sim” ao ques-

tionário proposto. Após serem identificados, os sujeitos foram convidados a participarem de entrevistas não padronizadas e menos estruturadas. Em ambiente on line a modalidade nos permitiu fazer questionamentos em tempo real através de chats de sites e para isso, usamos o www.facebook.com.

Nas entrevistas menos estruturadas realizadas com os 17 meninos adolescentes on line, inicialmente propusemos o tema conflitos masculinos na adolescência para cada sujeito e essa referência previamente preparada teve como objetivo servir de eixo orientador para as entrevistas. Nesse caminho, procuramos garantir que todos os participantes respondessem as mesmas questões e não exigimos uma ordem rígida para isso. Nosso papel como entrevistador foi o de encorajar e orientar a participação de cada sujeito, além de procurar nos adaptarmos ao entrevistado com o objetivo de manter um elevado grau de flexibilidade, de forma a propiciar a exploração das questões. Essa flexibilidade permitiu discutir temas ligados à família, religião, escola e dinâmicas discursivas que cada sujeito experimenta em seu cotidiano em relação à sexualidade e ao gênero.

Concordamos com Mann e Stewart (2000) que essa forma de entrevista é importante por se parecerem mais com “conversas” entre participantes iguais e permitir o acesso às experiências subjetivas dos sujeitos. Para os autores, as entrevistas realizadas nos espaços virtuais viabilizam discussão de assuntos embaraçosos, difíceis de discussão face a face e possibilitam o anonimato nas narrativas sobre questão de riscos e comprometimento de quem informa.

Referente ao meio virtual, enquanto espaço de pesquisa, ele vem se tornando pauta de legislação e, nesse sentido, Mann e Stewart (2000) listam algumas formas de processamento de informações on line, orientando que os dados devem ser coletados para um propósito legítimo e específico, estarem disponíveis aos sujeitos em um banco de dados de domínio público e serem armazenados de forma apropriada, evitando possíveis riscos e acessos sem autorização e modificações não autorizadas. Ainda, serem colhidos em contexto de fala livre, em detrimento de o ambiente ter formas de coerção e de estresse e não podem ser comunicados externamente sem o consentimento do sujeito que os gerou. Assim, obedecendo aos critérios éticos de uma pesquisa científica, ainda foram também requeridas autorizações das escolas onde o trabalho foi realizado e dos pais e ou responsáveis dos sujeitos que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa.

Adolescência masculina e os discursos sobre os desafios dessa construção

Acreditamos que o construir saberes referente aos componentes e os processos sociais de constituição das identidades do adolescente menino, e que compreendam as interdependências entre as categorias, são movimentos

que podem possibilitar rompimentos de segregação e contribuir na construção de saberes referente a forma como são determinadas, vivenciadas e repassadas mutuamente. Todavia, isso exige o entendimento de que em nosso tempo esses processos têm sido marcados por mudanças sociais relativamente bruscas e possibilitado rompimento com as normas há muito estabelecidas. O espaço doméstico onde todo sujeito inicia sua construção, logo ao nascer ou mesmo antes do nascimento, serve como exemplo disso. Nas famílias, cada vez mais as mulheres tornam-se administradoras do lar e há casos em que assumem o papel social de sustento do grupo. Não muito raro, elas mantêm financeiramente o marido e, circunstancialmente, o sujeito masculino assume os afazeres domésticos.

Então, ao pensarmos na escola como local de experiências fora do espaço doméstico, a reconhecemos como campo de possibilidades, construção, legitimação e ambientes onde adolescentes meninos encontram elementos que reforçam ou desconstróem o discurso hegemônico sobre o que é ser homem. Referente ao discurso sobre gênero e sexualidade masculina, quer seja no espaço familiar ou escolar, mesmo que o discurso vigente seja heteronormativo, evidenciamos que os sujeitos estão diante de diferentes caminhos a serem percorridos, encontrando a sexualidade e gênero pré-determinado ou buscando por experimentação em caminhos diversos. Nesse sentido, afirmamos que, uma vez construídas e reconstruídas historicamente, as masculinidades não podem ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas, como se pode observar no discurso que segue:

Minha casa nunca teve uma televisão porque a igreja da minha família não “permitia” e meus pais sempre seguiram muitíssimo à risca. Então, não vivi onde se falava muito de futebol. Meu pai não jogava. Quando entrei no colégio começaram as cobranças, “se você é macho, tem que saber jogar futebol”. Não tive influência em casa, isso tem relação com o não gostar. Achava meio sem sentido, preferia ficar quieto no meu canto, jogando dama ou torrinha na educação física. Também não cresci falando de mulher, do jeito vulgar que muitos falam. Meus pais nunca aceitaram esse tipo de conversa e cresci convivendo só com adultos (S11).

A afirmação feita por Connell (1995) de que o conceito de “homem na verdade é uma espécie de artefato” é reforçada pelo discurso do sujeito e nos permite confirmar também que as masculinidades estão sempre mudando de acordo com a história, a cultura e sujeita às relações de poder. Trata-se de discursos consolidados por meio do senso comum, pelo poder de criar regras. Percebemos que a masculinidade em construção por cada sujeito, proporcional ao modo e como cada uma ocorre, serve de aceitação ou motivos de exclusão e são questões que nos permitem afirmar tratar-se de um embate social, em que a produção de um tipo particular de masculinidade exemplar exige lutas políticas e, logo, a derrota de outras masculinidades alternativas.

Nesse sentido, o não alcançar ao padrão hegemônico de masculinidade, coloca o sujeito fora da “regra”. Concordamos com Miskolci (2006), na afirmação de que as masculinidades “inadequadas” diante das exigências heteronormativas são consideradas subalternas, desviantes, desvalorizadas e negligenciadas e reconhecemos que os complexos processos de ajuste nessa fase têm desencadeado inquietação, incomodo e desequilíbrio aos adolescentes. O discurso a seguir exemplifica isso.

Não sabia jogar bola e não gostava então, lógico que já fui chamado de “viadinho” por conta disso. Eu tirava notas altas daí isso também ajudava na zuação. Um dia, por exemplo, numa viagem a uma usina, meus amigos levaram uma playboy escondida no ônibus. Eles me mostraram e eu pensei “meu! como assim? isso é super errado! a gente não devia estar olhando isso!” Riram e fizeram piadinha, mas não porque eu falei, porque só pensei, mas devido minha reação de repulsão àquele comportamento. E aí ouvi: “ui, que moleque gay!” A verdade é que a gente tenta se enquadrar. Ninguém quer viver sentindo-se como se fosse um peixe fora d’água. Aí tentamos aderir “aos padrões”, o que não é uma tarefa muito fácil. A gente se sente meio oprimido e tal e chega até a querer agradecer desagradando a si mesmo (S17).

Apoiado no pensar de Louro (1999) e Sedgwick (2007), percebemos nos discursos que, diante das exigências heteronormativas, basta despertar suspeitas de não se ser heterossexual para que o comportamento homofóbico surja e desencadeie rejeição entre os grupos sociais masculinos. Confirmando as descrições de Connell (1995), os discursos demonstram as desvalorizações de certos tipos de masculinidades visando o fortalecimento da masculinidade hegemônica. Percebidas nos discursos a seguir, tratam-se de cobranças visivelmente reconhecidas tanto nas atitudes e enunciações quanto nos comportamentos.

No sentido de cobrança e pressão elas eram equilibradas entre a escola e meus pais. Em casa doía mais porque pai e mãe é quem a gente confia e se eles duvidam da sexualidade do próprio filho, por não saberem a resposta dificulta até tentar uma comunicação. Meu pai não brigou, só comentou que sabia como era o caminho de ser gay, que não era fácil, que eu ia sofrer muito, mais que o que eu decidisse pra ele estava bom e que nada iria mudar entre nós. Fo um alívio mesmo sabendo que eu não era gay (S8).

Vejo que o meu ponto fraco era ter um jeitinho afeminado, não muito, mas tinha. Daí quando alguém falava disso eu ficava muito mau. Eu acho que eu fui uma criança muito forte. Pensa uma criança lidando com esse tipo de coisa, isso é muito difícil. Parecia que tudo que eu fazia de bom ainda tinha esse “defeito” escondido. Isso foi tão ruim que houve momentos que eu pensei em me matar. Tipo, eu pensava em beber veneno (S4).

Concordamos com Connell (1995), a masculinidade é uma construção do sujeito e, proporcional ao modo como cada uma ocorre, serve para a aceitação ou exclusão. Assim, é importante frisar que a produção de um tipo particular de masculinidade exemplar requer uma luta política e, consequentemente, a derrota de outras masculinidades alternativas. Ainda, baseado nos discursos e referenciado na O.M.S. (2006) e Junqueira (2009), percebemos que a cobrança feita aos meninos que não alcançam a masculinidade heteronormativa é fator que sinaliza possibilidades de suicídio entre eles:

Por contas de cobranças em relação ao meu jeito de ser eu admito que pensei muito em me matar, mas sabia que isso iria piorar, que minha mãe não resistiria. Esse sentimento surgiu quando contei para ela que tinha dúvidas sobre minha sexualidade e durou até uns meses depois. O sentimento era tão ruim que pensava em pular da ponte ou de um viaduto, de Injetar ar nas veias, tomar veneno ou cortar o pescoço. Acho que se minha mãe tivesse me rejeitado no momento em que conversei com ela ou nos dias seguintes, talvez eu tivesse feito isso ou fugido de casa (S15).

Há um confronto do que sinto e do que meus pais acreditam baseado na bíblia. Tenho rancor na verdade de ideias que considero erradas, afinal todos somos livres para acreditar no que quisermos. Isso tudo foi bem perturbador, me senti muito excluído e de certa forma pensei em suicídio por conta disso. O sentimento é de que eu era um doente, e, aliás, até penso nessa possibilidade por isso veio esse sentimento de querer morrer e o que me fez pensar nisso foi o receio daquilo que eu poderia vir a ser (S3).

Afirmamos que o comportamento homofóbico desencadeia rejeição entre os grupos sociais masculinos e contribui no quadro depressivo entre esses sujeitos. Ainda, apropriando-nos do pensar de Joan W. Scott (1998), reforçamos que diferenças não são aspectos univocamente estabelecidos e reconhecíveis. Nesse sentido, é preciso evitar a armadilha de tomar como dadas as diferenças e tornar visíveis os processos sociais que as criam. A diferença é o resultado da designação do outro, que distingue categorias de pessoas a partir de uma norma presumida. Assim, para interferir nos processos de segregações talvez seja necessário romper com os discursos acadêmicos e fazer a insurreição daquilo que os meninos discursam sobre quem são, diante do que eles acham que se espera deles e como resolvem isso.

Considerações finais

Algumas considerações podem ser assinadas após as pesquisas preliminares realizadas. Percebemos, nos discursos dos adolescentes meninos, como afirma Foucault (2007), que há a presença de um prazer em se ter poder sobre o sexo, prazer de vigiar, espiar, revelar, fiscalizar, regular e pu-

nir. Ainda, perceptíveis na forma como as relações sociais foram descritas, há diferenças entre o que se aprende no ambiente familiar e o exigido no meio social. Também, evidenciamos que cobranças sobre comportamentos que fogem à heteronormatividade, possibilitam o poder em ter prazer de escapar da fiscalização, da regulação, da punição, de transgredir e escandalizar, sendo o caminho de fuga e resistência dos sujeitos “subalternos”.

Os discursos dos sujeitos que participaram desse trabalho confirmam que a identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil e uma relação social contraditória e não finalizada. Ainda, como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre “outros” seres, essa identidade é constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e as múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais, como os aspectos de gênero e sexualidade.

Os discursos permitiram também perceber que a homossexualidade cumpre papel de ameaça à masculinidade hegemônica e que há um compromisso de dizer não a qualquer postura que negue a heterossexualidade, observando-se que a condição para se tornar homem é “não ser gay”. Isso sinaliza a necessidade de se repensar o conceito de práticas sexuais como “boas” e “más”, masculinidades “normais” e “anormais” e sujeitos “mais” ou “menos” masculinos e reforçam o desafio de se romper com o pensar do sexo como um vetor de segregação. Assim, percebemos que questões ligadas à sexualidade que já haviam sido interditas e regulamentadas pela moral religiosa, que aos poucos se tornou de domínio da ciência, ainda persistem ditando as regras.

Foi possível também confirmarmos pelos discursos a demarcação de lugares que influenciam atitudes e práticas específicas no exercício de ser masculino, algo que ocorre a partir de corpos que “funcionam” de forma diferente na sua interface com o campo biológico. Demarcações de territórios rígidos e identidades fechadas para o adolescente menino. Identificamos que a construção do masculino como experiências, desencadeia sofrimento, gera desequilíbrio, inquietação e, embora seja tema a ser discutido de forma mais ampla, reforça a hipótese de que as dificuldades enfrentadas na adolescência por meninos podem estar contribuindo na elevação da taxa de suicídio entre eles. O que reforçou essa hipótese foi a identificação em alguns discursos de afirmativas como “quando contei para minha mãe que tinha dúvidas sobre minha sexualidade, o medo de ser rejeitado me fez pensar em pular de um viaduto (S14)”, “me matar era um pensar decorrente do preconceito que sentia vindo de toda a família, amigos a sociedade no geral”.

Assim, conclusivamente, os discursos dos sujeitos confirmaram que gênero e sexualidade entre adolescentes meninos são edificados através de aprendizagens e práticas, investidas por conjuntos inesgotáveis de instâncias

sociais e culturais explícitas ou dissimuladas. Entendemos que é preciso romper com o conceito de sexualidade como um ímpeto rebelde, estranho por natureza e indócil por necessidade. Como afirma Foucault (2007), a sexualidade não é elemento rígido. Dotada da maior instrumentalização, ela tem sido utilizada em inúmeras manobras e servido de ponto de apoio e de articulação às mais variadas estratégias. Inclusive, os discursos colhidos reforçaram o conceito de que a sexualidade e as implicações dela com as questões de gênero é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico, não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede de superfícies em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encandeiam-se uns aos outros segundo algumas estratégias de saber e de poder.

Ainda, reforçando o conceito de que o poder não é repressivo ou opressivo e que sua maior força está na riqueza produtiva gerada entre o poder e a resistência, podemos afirmar que, entre adolescentes meninos, a questão heteronormativa tem se fortalecido através das masculinidades tidas como “subalternas” e que, diante disso, esses sujeitos têm buscado e encontrado caminhos de resistência. Também, referenciado nos discursos, afirmamos que as relações de poder e resistência têm sido importantes nas construções da masculinidade adolescentes, embora ocorram circunstâncias em que o estabelecimento da resistência ao poder heteronormativo tem sido difícil e possibilitado a instalação da violência. Ela limita os sujeitos de avançarem em seus processos de amadurecimento, levando-os a questionar se viver vale a pena.

Sendo assim, nossa expectativa, como afirma Britzman (1996), é de que as questões de desejos, de amor, de afetividade e de identidade, continuem surpreendendo a cada um. Nossa expectativa é de que os embates sociais entre poder e resistência possibilitem a criação de formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza, da normalidade e promova a vida para que não se faça a opção de morte como alternativa.

Referências

BRITZMAN, D. P. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. v. 21, jan./jun. Porto Alegre, 1996. p. 71-96.

BADINTER, E. XY: **Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1999.

BUTTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. v.20, n. 2, jul./dez., 1995.

DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação & Sociedade**. v.29. n.103.mai/ago, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S010101-733>.

DINIS, N. F.; MADLENER, F. A homossexualidade e a perspectiva Foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia**, UFF, v.19. n.1, Niterói, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S0104-802>.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, n. 39. jan/abr, Editora UFPR, Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04.pdf>

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Petrópolis, Vozes 1979.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **História da Sexualidade**, vol. I - A vontade de saber. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 2007.

_____. **História da Sexualidade**, vol. II - o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1987.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R.; ANDRIOTTI, F. K.; FREITAS, P.; COSTA, R. S. Pesquisa via internet: características, processo e interface. **Revista Eletrônica GIANTI**, Porto Alegre, 2004, 11p. Disponível em: http://www.ea.ufrgs.br/professores/hfreitas/files/artigos/2004/2004_140_rev_eGIANTI.pdf.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

_____. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

_____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2008.

_____. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não-fascista.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009. p. 135-142.

LOURO, G. L.; NECKEL, F. J.; GOELLNER, V.S. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

JUNQUEIRA, R. D. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MANN, C. STEWART, F. **Internet Communication and Qualitative Research:** a handbook for researching online. London: SAGE Publications, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. XAVIER, A. C.s (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais.** Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004. p. 13-67.

MISKOLSI, R. Não somos, queremos: reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: UFBA, 2011. p. 37-56.

_____. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói: Gênero, 2009.

_____. Corpos Elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas.** v.14, n.3, Florianópolis, 2006. p.681-693.

_____. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças:** por uma analítica da normalização. 2007. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf.

ORGANIZACIÓN Mundial de la Salud. **Prevenção do Suicídio:** um recurso para conselheiros, Genebra, 2006.

RUBIN, G. The traffic in women: notes on the political economy of Sex. In: REITER, R. **Toward an anthropology of women.** New York: Monthly Review Press, 1975, ap. 157-210.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** v. 20, n. 2, jul./dez., Porto Alegre, 1995. p. 71-99.

_____. **La citoyenne paradoxale.** Les féministes françaises et les droits de l’homme. Paris: Editions Albin Michel, 1998.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Vol. 28, jan./jun., Campinas, São Paulo, 2007. p.19-54.

WEEKS, J. **Sexuality.** New York: Routledge, 1986.

Recebido em 26/03/2013, aceito em 05/09/2013